

# Ó Bicentenário Bolivariano no Eixo VeneCuba

*Jaime de Almeida*

Universidade de Brasília-UnB, Brasília, Br

## **Resumo**

O artigo focaliza a ideia de fusão (por federação ou confederação) entre Cuba e Venezuela, reiteradamente enunciada pelo presidente Hugo Chávez e por algumas autoridades cubanas, contextualizada no tempo ritual e nos principais lugares de memória, durante o Bicentenário da Independência da Venezuela e o Cinquentenário da Revolução Cubana.

**Palavras-chave:** bicentenário, lugares de memória, Hugo Chávez, Cuba, Venezuela.

## **Resumen**

El artículo focaliza la idea de fusión (por federación o confederación) entre Cuba y Venezuela, reiteradamente enunciada pelo presidente Hugo Chávez y por algunas autoridades cubanas, en el contexto del tiempo del rito y en los principales lugares de la memoria, durante o Bicentenário de la Independencia de Venezuela y en el Cincuentenario de la Revolución Cubana.

**Palabras claves:** bicentenário, lugares de la memória, Hugo Chávez, Cuba, Venezuela.

## **Abstract**

The article focuses on the trajectory of the idea of federation or confederation between Cuba and Venezuela, repeatedly enunciated by President Hugo Chavez and some Cuban authorities, and contextualized in the ritual time and the chief places of memory during Bicentennial Independence celebrations in Venezuela and the 50th Anniversary of the Cuban Revolution.

**Key words:** bicentennial, places of memory, Hugo Chávez, Cuba, Venezuela.



Fonte: Jorge Silva (Agência Reuters)

O Bicentenário da Independência da América Latina convida à reavaliação das grandes construções memoriais latino-americanas e caribenhas e precisa ser abordado de conjunto, por ser um fenômeno maior que a soma de eventos em dezenas de histórias nacionais. Outras comemorações como os centenários das revoluções mexicana e soviética e da primeira guerra mundial, os 50 anos da revolução cubana, etc., interferem tanto no tempo do Bicentenário como na experiência latino-americana e caribenha. O ciclo comemorativo pode alcançar 2030 (200 anos da morte de Simón Bolívar), 2032 (50 anos da guerra das Malvinas) ou até 2033 (200 anos da ocupação inglesa das Malvinas). Imagens sintéticas do passado que evocam gestos heroicos de grandes personalidades perante multidões, multiplicadas em rede, estimulam impulsos voluntaristas de aceleração do tempo. O apelo às memórias fragmentadas recusa tentativas de reconciliação entre os mortos; o esforço de compreensão esbarra no ceticismo e em teorias conspiratórias. São instantes constitutivos do tempo presente que, remanejando o passado, projetam conflituosas alternativas para o futuro.

### **Lugares de memória, lugares de esquecimento**

Ao encerrar *Lugares de Memória*, obra coletiva que esquadrinhou o que havia de memória no país em função do Bicentenário da revolução francesa e em meio à unificação europeia, Pierre Nora redigiu o ensaio “A era da comemoração”.

Constantes invasões do passado deslocam e desarticulam o presente exigindo reinterpretação e respostas, e estimulam práticas comemorativas mais e mais frequentes. O presentismo da sociedade midiática congela a memória em efemérides e rituais, bloqueando possibilidades de renovação efetiva dos sentidos do passado. Perdidas as antigas expectativas otimistas de futuro, busca-se agora obsessivamente transformar o passado em memória e patrimônio (NORA, 1997, p. 4.687-4.719); mais recentemente, trata-se de corrigir e desconstruir o passado para desenraizar as estruturas vigentes de dominação (RAIMONDI, 2014; NORA & CHANDERNAGOR, 2008).

Na verdade, na América Latina e no Caribe, o futuro não se apresenta tão desencantado como aquele vislumbrado por Nora no Bicentenário francês. Combativas memórias não oficiais (e mesmo, como veremos, oficiais) intervêm nos processos de interpretação do passado e em sua ritualização (JELIN, 2002). Invocado por Walter Benjamin em 1940, o Anjo da História apela agora aos povos originários remanescentes para frear o curso vertiginoso do mundo rumo ao desequilíbrio final (BENJAMIN, 1985). Poderosas utopias (mas também seus fortes adversários) ainda operam, e o que nos comove mais não é a nostalgia de passados irremediavelmente perdidos: muitos milhares reclamam a verdade do passado para completar ritos de luto em suspenso, cicatrizar feridas e começar efetivamente vida nova. Nosso Bicentenário tem lugares de memória, de esquecimento e de silêncio.

## **O Bicentenário na alvorada do Milênio**

As especulações geralmente otimistas sobre o milênio e o novo século reformularam-se bruscamente no dia 11/09/2001. Os aviões lançados contra as torres gêmeas de Manhattan e o Pentágono deslocaram a discussão acerca da ordem mundial para cenários impostos pela imprevisibilidade da guerra assimétrica (TEIXEIRA, 2010; COSTA, 2004). O tempo do Bicentenário vem fluindo entre duas vias contrapostas de unificação hemisférica: a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) e a Aliança

Bolivariana dos Povos de Nuestra América ou Alternativa Bolivariana (ALBA).

A ALCA começou a nascer em dezembro de 1994 quando todos os países do continente, com a exceção de Cuba, concordaram em eliminar as barreiras ao comércio e ao investimento até 2005. Na época, os blocos supranacionais ganhavam impulso com o Tratado de Maastricht que selara em fevereiro de 1992 a união econômica e política de 27 países europeus, e com o NAFTA – tratado de livre comércio entre Canadá, México e Estados Unidos – que entrou em vigor em 1/01/1994. O até então desconhecido Exército de Libertação Nacional Zapatista, assentado em terras indígenas de Chiapas, declarou no mesmo dia a guerra aberta ao NAFTA e ao estado mexicano. Divulgado via internet pelo carismático Subcomandante Marcos (Rafael Sebastián Guillén Vicente, ex-professor de Filosofia na Universidade Autônoma Metropolitana), o EZLN seria visto por algum tempo como a expressão mais elaborada de uma nova alternativa revolucionária para o futuro da América Latina. Em novembro de 2005, na IV Cúpula das Américas, realizada em Mar del Plata, os presidentes latino-americanos rejeitaram coletivamente o projeto dos Estados Unidos para formar a Área de Livre Comércio das Américas. A diplomacia norte-americana passou a concentrar-se em tratados de livre comércio (TLC) aos quais, além do Canadá e México, aderiram até agora Guatemala, Honduras, El Salvador, Costa Rica, Panamá, República Dominicana, Peru, Chile e Colômbia. A partir de 2012, alguns desses países também se integraram a outra proposta de abertura de mercados, a Aliança do Pacífico: Chile, Colômbia, México, Peru e Costa Rica.

A ideia da ALBA foi lançada pelo presidente venezuelano Hugo Chávez em dezembro de 2001, contra o avanço neoliberal e os vínculos de dependência e subordinação que representava a ALCA. Tomou corpo em dezembro de 2004, com o envio de médicos cubanos à Venezuela em troca de petróleo. Hugo Chávez havia superado um golpe de estado em abril de 2002 e Cuba perdera prestígio internacional pela onda repressiva desencadeada contra os dissidentes na chamada Primavera Negra (março-abril de 2003). A partir de 2005, a semântica bolivariana, cristã e nacionalista da ALBA foi subsumida pelo conceito de

Socialismo do Século XXI formulado por Heinz Dieterich Steffan (assessor de Hugo Chávez). Esse conceito pretende sintetizar 2000 anos de propostas de um mundo mais humano, de Jesus Cristo a Ernesto Guevara, conciliando experiências e projetos não europeus com o socialismo utópico e científico, numa perspectiva cibernética socialista capaz de organizar as trocas no mercado mundial de modo mais eficiente e justo (DIETERICH, 2005). O Comitê Central do Partido Comunista de Cuba, embora reticente, decidiu que o conceito entraria nas prioridades de investigação nas Ciências Sociais e Humanidades no período 2007-2010 (DIETERICH, 2007). A Bolívia aderiu ao projeto pelo Tratado de Comércio dos Povos (TCP) em 2006. A ALBA-TCP incorporou ainda Nicarágua, Dominica, Equador, Antigua e Barbuda e São Vicente e Granadinas. A Venezuela, Bolívia e Equador também participam da UNASUL (União Sul Americana de Nações), criada por iniciativa brasileira em 2008 para buscar convergências em matérias de política externa e de segurança, bem como favorecer os processos de integração econômicas regionais já existentes (SILVA, 2013, p. 102-104). Atualmente é bastante perceptível uma tendência à proximidade entre a ALBA e o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) ao qual se admitiu a Venezuela, em circunstâncias confusas, em 2012.

### **A intuição do Bicentenário bolivariano**

É dentro destas coordenadas gerais de tempo e de espaço que pretendemos estudar um recorte: o Bicentenário da Independência da Venezuela, tal como foi planejado e vem sendo realizado: em função da aproximação entre Venezuela e Cuba e de unificação continental na perspectiva da ALBA e do Socialismo do Século XXI; um ciclo comemorativo que adotou ideário, retórica, simbólica, geografia e calendário bolivarianos. O ponto inicial, apontado pelo próprio idealizador e comandante do processo, estaria no dia 17/12/1982: após homenagear os 152 anos da morte de Simón Bolívar, o então capitão Hugo Chávez reuniu-se com três companheiros do regimento de paraquedistas Aragua – Felipe Acosta Carlez, Jesús Urdaneta Hernández e Raúl Isaías Baduel – à sombra do famoso Samán de Güere, uma árvore declarada monumento histórico pelo ditador Juan Vicente

Gómez em 1933, onde Bolívar um dia repousara (ELIZALDE & BÁEZ, p. 353, 372). Ali surgiu o Movimento Revolucionário Bolivariano 200, um nome adequado para remeter ao bicentenário do nascimento do herói (1983), do seu protagonismo épico na Independência da Venezuela e de toda a América andina (2010-2025), até a sua morte melancólica em 2030.

### **Preâmbulo não oficial do ciclo do Bicentenário: Cuba, 2002 (1995? 2001?)**

Toda periodização tem forçosamente algo de arbitrário. As datas ajudam-nos a tatear processos complexos e dinâmicos, sua escolha é sempre discutível. O segundo momento a observar precisa ser colocado em seu contexto, numa série de outros eventos significativos. Desde 1902, o 20 de maio (quando o governador militar norte-americano Leonard Wood foi substituído pelas autoridades cubanas) tornou-se o dia da festa nacional. Após 1959, a data importa somente a grupos de oposição, sobretudo no estrangeiro onde se encontram 20% dos cubanos. Ignorando ostensivamente esse lugar de memória contaminado pela Emenda Platt que limitou a autonomia nacional, o calendário revolucionário celebra várias outras datas ligadas à luta pela independência e aos seus heróis, como os gritos de Yara (10/10/1868) e de Baire (24/02/1895), o nascimento (28/01/1853) e a morte de José Martí (19/05/1895), estabelecendo a representação de um processo de longa duração em aberto. Como se sabe, o centenário do nascimento de Martí inspirou o assalto ao quartel de Moncada (26/07/1953) que é hoje, por sua vez, um dos dias mais centrais do calendário revolucionário. José Martí está alinhado com Karl Marx, Friedrich Engels e Vladimir Illitch Ulianov Lenin no referencial filosófico, científico, político e ideológico do regime socialista cubano.

Em dezembro de 1994 o tenente-coronel Hugo Chávez, recém-indultado após 2 anos de prisão por sua tentativa de golpe militar na Venezuela, foi convidado a visitar Cuba. Discursando na Universidade de Havana, Hugo Chávez propôs sincronizar o tempo revolucionário com o tempo da comemoração:

Nosotros tuvimos la osadía de fundar un movimiento dentro de las filas del Ejército Nacional de Venezuela por estar hastiados de tanta corrupción. En aquella oportunidad nos juramos dedicarle la vida a la construcción de un movimiento revolucionario en Venezuela. Eso lo iniciamos en el año del Bicentenario del nacimiento de Simón Bolívar [1983], pero veamos que este próximo año [1995] es el centenario de la muerte de José Martí y será el año de conmemoración del Bicentenario del nacimiento del Mariscal Antonio José de Sucre y el Bicentenario de la rebelión y muerte de José Leonardo Chirinos. El tiempo nos llama y nos impulsa, son tiempos de recorrer de nuevo caminos de esperanza y de lucha, en eso andamos nosotros, ahora dedicados al trabajo revolucionario. (...) El siglo que viene, para nosotros, es el siglo de la esperanza; es nuestro siglo, es el siglo de la resurrección del sueño bolivariano, del sueño de Martí, del sueño latinoamericano”. (REPUBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA, 2014, p. 10-11, 20. Colchetes do autor)

Mas, num quadro agudo de penúria provocada pelo colapso da União Soviética e endurecimento do embargo econômico norte-americano, o socialismo cubano não pôde dar ao centenário da morte de José Martí sua devida importância. Urgia evitar situações caóticas como a crise dos *balseros* de 1994 (quando 32.362 cubanos fugindo para a Flórida foram interceptados pela marinha norte-americana e confinados na base militar de Guantánamo junto a 20.000 haitianos). Foi liberalizada a posse e uso de moeda estrangeira; foram autorizados os mercados livres e os restaurantes caseiros (chamados “paladares”, inspirados na novela “Vale Tudo” da TV Globo) e foi dado um forte estímulo aos negócios ligados ao turismo estrangeiro.

O Cinquentenário da revolução cubana se aproximava, sob circunstâncias dramáticas de pobreza que contrastavam com os tempos de fartura ainda presentes na memória de quem vivera durante os trinta anos em que Cuba recebeu dos extintos países socialistas, a título de ajuda, cerca de 100 bilhões de dólares. Especialmente entre 1994 e 1998, a elasticidade para alguma iniciativa individual, microempresas familiares e todo tipo de

empreendedorismo semilegal abriu mais espaço de atuação para os inventivos “lutadores” cubanos (ver este conceito em BLOCH, 2009, p. 4-7).

Embora coincidindo com o centenário da guerra dos Estados Unidos contra a Espanha, a visita do papa João Paulo II a Cuba em janeiro de 1998 não teve sentido comemorativo. As festividades natalinas, suprimidas desde 1969, foram excepcionalmente autorizadas em dezembro de 1997. O presidente Fidel Castro pediu que os cubanos demonstrassem no contato com o Papa o mesmo fervor das recentes eleições que tinham referendado a popularidade do regime. Na Praça da Revolução, destacou-se uma gigantesca imagem do Sagrado Coração de Jesus pairando sobre a multidão. Milhares de cubanos reunidos nas praças públicas de quatro cidades ovacionaram Deus e Jesus e aplaudiram sermões que levantavam temas sensíveis, como a necessidade de união de todos os filhos da mesma pátria. Tão ativo que fora na desestruturação do bloco socialista europeu, o papa polonês mostrou tolerância com o regime cubano, receitando transição lenta e pacífica à abertura política. “É hora de buscar os novos caminhos exigidos pelos tempos de renovação que vivemos, ao acercar-se o terceiro milênio da era cristã”. Já em Roma, João Paulo II disse que esperava por um efeito análogo ao de sua visita à Polônia em 1979.<sup>1</sup>

Em 30/10/2000, Fidel Castro e Hugo Chávez assinaram um Convênio Integral de Cooperação que reafirmava o interesse comum em promover e fomentar progresso dos dois países em função da integração da América Latina e Caribe. Logo mais se iniciou em janeiro, em Porto Alegre, o primeiro dos encontros do Foro Social Mundial, convocado pela Associação internacional pela Tributação das Transações Financeiras para Ajuda aos Cidadãos (ATTAC) e pelo Partido dos Trabalhadores, estimulando a solidariedade internacional ao regime cubano. Cioso dos nomes a dar ao tempo, o calendário cubano fixou 2001 como o Ano da Revolução Vitoriosa no Novo Milênio. A superação parcial das dificuldades de abastecimento permitiriam

---

<sup>1</sup> “Visita del Papa a Cuba. Los 5 días que estremecieron a Cuba.” Inter Press Service año 9 n. 1, 1998; “El Papa: ¿Una revolución para la Revolución cubana? Cinco días que quedarán para la historia de Cuba”. *Cultura y Sociedad* n.1, 1998.



um endurecimento do regime cubano que levou à “Primavera Negra”. Em junho de 2002, um massivo processo de ratificação da Constituição de 1976, declarando a irrevocabilidade do regime socialista, recolheu 8.198.237 assinaturas e foi incorporado como Disposição Especial no texto constitucional. Em março de 2003, 27 jornalistas independentes e 51 promotores do Projeto Varela de transição democrática, fundamentado no artigo 88 (alínea g) da Constituição, foram presos; falou-se em “despapizar” o país e reduziu-se bruscamente o direito ao trabalho autônomo. **Foi austera a comemoração dos 50 anos do assalto ao quartel de Moncada, em julho de 2003. Diante de apenas 10.000 convidados,** Fidel Castro declarou a renúncia de Cuba à ajuda humanitária dos governos da União Europeia, que pressionavam o seu governo devido às prisões de dissidentes e ao fuzilamento sumário de três jovens que haviam tentado sequestrar uma lancha de passageiros para fugir do país em abril.

Contrastando com a lentidão do tempo no período especial em que transitava Cuba, a elevação dos preços internacionais do petróleo alavancava o aceleração do tempo na Venezuela. O ciclo comemorativo conferia legitimidade a metas grandiosas e prazos a perder de vista. Em 24 de julho de 2005, no 222º natalício de Simón Bolívar, e alguns dias antes do bicentenário do juramento do jovem herói no Monte Sacro, que seria solenemente escandido pela multidão presente no XVI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, o presidente convocou: “Assumamos, pois, unidos desde a alma, o novo ciclo bolivariano do 2005 ao 2030. (...) Estes próximos 25 anos serão de avanço, de aprofundamento desta Revolução Bolivariana”.<sup>2</sup> E em 2006, na sétima mensagem anual à nação, mais comedido em matéria de prazos:

Yo diría que en estos siete años han ocurrido grandes cosas en nuestro país (...) Pero se trata de un proceso (...) estamos terminando un período de siete años y estamos comenzando al mismo tiempo otro período de siete años más (...) hasta el 2013, 2006-2013 (...) hay

<sup>2</sup> Celebración del día de la Armada Nacional y 182 aniversario de la batalla naval del Lago de Maracaibo. Desde la Escuela Naval de Venezuela, Mamo, Catía La Mar. 24/07/2005.

una verdadera Revolución en marcha, (...) apenas está comenzando (...) Gramsci y el bloque histórico, la superestructura, la superestructura, los valores y para ello el ejemplo nuestro es fundamental, para ello la educación es fundamental, para ello la solidaridad es fundamental.<sup>3</sup>

Esta solidariedade fundamental se concentrava antes de tudo no entrelaçamento econômico e político entre a Venezuela e Cuba. O volume das relações comerciais entre os dois países, orçado em US\$ 388 milhões em 1998, crescia exponencialmente. Reunidas todas as formas de cooperação, calcula-se que a Venezuela passou a transferir anualmente entre US\$ 5 bilhões e US\$ 15 bilhões ao seu parceiro privilegiado, cujo produto interno bruto é de cerca de 63 bilhões. Assim, a escassez extrema dos períodos mais duros do Período Especial abrandou-se principalmente em função da chegada regular de cerca de 100.000 barris diários de petróleo subsidiado pela Venezuela (em parte reexportados a preço de mercado), às exportações de níquel, à ajuda internacional, exportação de serviços médicos e outros serviços especializados, abertura para o turismo estrangeiro, regularização das remessas de dólares de cubanos expatriados a seus familiares, etc.

Dois destacados dirigentes cubanos, Felipe Pérez Roque (chanceler) e Carlos Lage (vice-presidente do Conselho de Estado) anunciavam publicamente a iminência de alguma renovação institucional das relações entre os dois estados. Em novembro de 2005, Carlos Lage declarou em Caracas que Cuba era um país tão democrático que chegava a ter dois presidentes: Fidel Castro e Hugo Chávez. Emocionado, o próprio Chávez declarou que Cuba e Venezuela já eram (na prática) um só país. Embora nunca tenha se manifestado oficialmente sobre o assunto, poucos dias antes Fidel Castro talvez pensasse nele durante uma homenagem que lhe fazia a Federação Estudantil na Universidade de Havana, ao afirmar jocosamente a sua tenaz longevidade que contraria todas as especulações. Segundo ele, tanto se fala em sua morte que, se algum dia isto vier a ocorrer, ninguém acreditará; ele poderia, tal como o lendário Cid o

---

<sup>3</sup> Mensaje anual a la Nación del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela. Asamblea Nacional. 13/01/2006.

Campeador, continuar montado em seu cavalo vencendo batalhas após a morte. Emoldurando essas radiantes expectativas de futuro, anunciava-se para maio de 2007 o VI Encontro Hemisférico de Luta contra os Tratados de Livre Comércio e pela Integração dos Povos em Havana.

Repentinamente, a 31/07/2006, o país e o mundo surpreenderam-se com a notícia de que Fidel Castro fora operado de urgência, ao que tudo indica por uma crise de diverticulite. Sob rigoroso segredo de estado, esteve por alguns meses entre a vida e a morte, e permaneceu hospitalizado por cerca de 2 anos; recebeu pouquíssimas visitas, especialmente as de Hugo Chávez, muito difundidas pela imprensa, e passou a publicar esporadicamente suas *Reflexões*, focalizando variados temas a partir de março de 2007. Seu irmão e substituto interino Raúl Castro foi nomeado General-Presidente pela Assembleia Nacional em fevereiro de 2008.

O presidente Hugo Chávez enfatizou a urgência da fusão entre os dois países em outubro de 2007 depois de visitar, com o chanceler Felipe Pérez Roque, as obras de recuperação de uma grande refinaria soviética de petróleo em Cienfuegos, coração da cooperação energética da ALBA, que veio a ser inaugurada em dezembro durante a IV Cúpula da Petrocaribe, com os dirigentes dos 16 países membros. Em vários momentos, Chávez apelava diretamente ao convalescente Fidel Castro:

Cuba y Venezuela perfectamente pudiéramos conformar en un futuro próximo una confederación de repúblicas, una confederación, dos repúblicas en una, dos países en uno. (...) Noticia fresca, Fidel, ¿qué tal? Fíjate, mercado: petróleo. “Petróleo marca récord por encima de 85 dólares el barril”, y esto va a seguir subiendo, porque es que el petróleo se acaba en el mundo, pues. Por una parte descenden los inventarios y por la otra cada día hay más consumo. (...) Hagamos una sólida unión y lograremos legarle a la posteridad ese orden y esa razón, ese orden libertario y esa razón profunda, ese proyecto hermoso que se llama socialismo. ¡Unidos lo lograremos! ¡Es tiempo de lograrlo!

Nosotros no nos iremos de este mundo dejando a nuestros descendientes un nuevo coloniaje; dejaremos una patria, una gran patria: Nuestra América unida, desarrollada y libre. Y tanto en Venezuela como en Cuba, decimos socialismo. Ese es el camino para salvar nuestras patrias, nuestros pueblos, y más allá, para salvar la humanidad toda.<sup>4</sup>

Naquele ano em que o general Raúl Castro começava a governar Cuba, os ciclones *Gustav* (agosto), *Ike* (setembro) e *Paloma* (novembro, menos violento) devastaram o sudeste da ilha destruindo ou danificando cerca de 500.000 residências, dano equivalente ao déficit habitacional do país ao qual veio somar-se. Os prejuízos totais chegaram a cerca de 8,4 bilhões de dólares. Assim, a 1/01/2009 a compreensivelmente modesta comemoração pública do Cinquentenário da Revolução resumiu-se à concentração de 3.000 pessoas em Santiago de Cuba com um curto discurso do presidente Raúl Castro, sem a presença de Fidel, sem nenhum representante estrangeiro. O lema foi: “celebreemos en familia”. Assim a filóloga Yoani Sánchez comentou o significado maior do Cinquentenário da Revolução Cubana comemorado em família:

Con motivo del medio siglo de aquel primero de enero de 1959, los cubanos pudimos comprar -a través del sistema de racionamiento- media libra de carne molida. Ese sentido del humor que frecuentemente nos salva de la neurosis no dejó escapar al inesperado manjar y lo bautizó como “el picadillo enviado por Chávez”, en alusión al evidente apuntalamiento económico que llega desde Venezuela. Un proceso político de la envergadura de una revolución socialista debería aspirar -en su cincuenta aniversario- a resultados más ambiciosos y a fiestas más pomposas, pero no hay mucho para dar. Aunque parezca una frivolidad, para muchos cubanos la venta de esa carne de vaca fue el hecho más importante ocurrido por estos días. Su sabor será el recuerdo que conservarán de un diciembre gris y un enero igual de demacrado, donde ni siquiera hubo promesas de posibles mejorías o reformas. (SANCHEZ, 2009)

<sup>4</sup> *Granma*, 16/10/2007. Disponível em <http://www.granma.cu/granmad/secciones/alba/int/2integ44.html>

Pouco mais de um mês depois, a prisão de Conrado Hernández (representante cubano na Sociedade de Promoção e Reconversão Industrial do governo basco) desencadeou uma nova purga revolucionária. O vice-presidente Carlos Lage (cérebo da recuperação econômica do país), o chanceler Felipe Pérez Roque (ex-secretário pessoal de Fidel Castro) e Fernando Remírez de Estenoz (principal encarregado das Relações Exteriores) foram destituídos em março de 2009, ao que parece por terem sido filmados zombando dos irmãos Castro. Estaria o presidente Raúl eliminando jovens rivais, ligados ao irmão enfermo, para melhor governar? Ou, mais provavelmente, estaria descartando o grupo mais identificado com o projeto de fusão com a Venezuela? Por sua vez, ao manifestar-se, Fidel praticamente cancelou a esperança de renovação da envelhecida máquina administrativa revolucionária: “La miel del poder por el cual no conocieron sacrificio alguno, despertó en ellos ambiciones que los condujeron a un papel indigno. El enemigo externo se llenó de ilusiones con ellos”.<sup>5</sup>

No ano seguinte, o Bicentenário da Independência da Venezuela foi comemorado num contexto de intensificação do conflito armado na vizinha Colômbia que transbordava por suas fronteiras. Reagindo ao fracasso das negociações de paz do presidente Andrés Pastrana em El Caguán com as Forças Armadas da Colômbia (FARC) – que associam o bolivarianismo ao marxismo desde o XIII Congresso do Partido Comunista Colombiano, realizado em 1980 – os colombianos tinham eleito em 2002 Álvaro Uribe, que propunha endurecer a guerra contra a insurgência armada, e o reelegeram em 2006. Financiados pelos Estados Unidos, o Plano Patriota e o Plano Colômbia modernizaram as forças armadas. Sete milhões de colombianos protestaram nas ruas contra a política de sequestros adotada pelas FARC em 4/02/2008. Manuel Marulanda, líder histórico e fundador das Farc, faleceu de morte natural a 26 de março. A guerrilheira Karina, uma temida dirigente da Frente 471, rendeu-se em 8/05/2008. O espetacular resgate de Ingrid Betancourt e 14 outros sequestrados quebrou o prestígio internacional da guerrilha

---

<sup>5</sup> Fidel Castro Ruz. “Cambios sanos en el Consejo de Ministros” [3/03/2009]. *Granma* año 18 n. 70, 11/03/2014.

em 2/08/2008. No dia 1/03/2009, foi abatido o comandante Raúl Reyes no seu refúgio em território equatoriano, levando a tensão fronteiriça ao máximo de críspação. O presidente Hugo Chávez enviou 10 batalhões do exército à fronteira e suspendeu as relações diplomáticas com a Colômbia. As comemorações do Bicentenário colombiano (20 de julho) coincidiram com o estreitamento do cerco ao refúgio do principal chefe militar das Farc, Mono Jojoy, que viria a ser morto em 23/09/2010.

Na manhã caraquenha de 19/04/2010 o presidente Hugo Chávez depositou flores no túmulo de Simón Bolívar no Panteão Nacional, acompanhado pelos chefes de estado politicamente mais próximos: Raúl Castro (Cuba), Cristina Kirchner (Argentina), Evo Morales (Bolívia), Rafael Correa (Equador) e Daniel Ortega (Nicarágua). Na tribuna de honra do ato cívico, o presidente declarou chegada a hora da verdadeira independência e proclamou, em honra a Bolívar e aos pais libertadores: “Pátria socialista ou morte!” Forças Armadas, milícias bolivarianas, estudantes, grupos indígenas e afrodescendentes, tratores iranianos, tanques antimísseis e fuzis russos desfilaram pelo *Paseo de los Próceres* enquanto helicópteros e aviões de combate chineses e russos exibiam-se no céu. Hugo Chávez afirmou que a Venezuela não estava se armando para a guerra, mas para defender cada milímetro da pátria sagrada contra a agressão e ameaça do império ianque. A presidente argentina Cristina Kirchner foi a principal oradora na sessão especial da Assembleia Nacional; em seguida houve um encontro de cúpula da ALBA.

Na noite da sexta feira 16/07/2010, emocionado e solene, junto a um enorme retrato a óleo de Simón Bolívar, o presidente Hugo Chávez mostrou em cadeia nacional de rádio e televisão a exumação dos restos mortais do herói, que ordenara fazer para verificar se Bolívar poderia efetivamente ter sido envenenado na Colômbia por seus inimigos políticos em 1830, como ele acreditava. Anunciou que programas sofisticados de tratamento dos dados recuperariam as dimensões de seu corpo e os traços do seu rosto para comparação com a iconografia oficial. O presidente anunciou também a construção de um novo Panteão Nacional onde deveria ser depositada a urna funerária de Simón Bolívar a 5/07/2011, quando se comemorariam os 200 anos da

primeira declaração de independência. Dentre os muitos meios de comunicação que tinha à sua disposição, o presidente Hugo Chávez utilizou o Twitter para expressar a sua emoção quando esteve em contato direto com os despojos do grande personagem em quem se inspirava:

Padre Nuestro que estás en la tierra, en el agua y en el aire... Despiertas cada cien años, cuando despierta el pueblo. Confieso que hemos llorado. Les digo: tiene que ser Bolívar ese esqueleto glorioso, pues puede sentirse su llamarada. Cristo mío, Mientras oraba en silencio viendo aquellos huesos, pensé en Ti. Y como hubiese querido que ordenaras como a Lázaro: ¡levántate Simón, que no es tiempo de morir! De inmediato recordé que Bolívar vive. Carajo. Somos su llamarada.

Este seria o ponto mais elevado alcançado pelo Bicentenário Bolivariano no plano simbólico. Pelo decreto 7.375 de 12/04/2010 – uma semana antes do Bicentenário – o presidente Chávez já havia retirado do controle da Academia Nacional de História o arquivo de Bolívar, transferindo-o ao Arquivo Geral da Nação, subordinado ao Centro Nacional de História que havia sido criado três anos antes em 2007 para “impulsar las políticas del Estado Revolucionario Bolivariano, destinadas a liberar la conciencia histórica y fortalecer la identidad nacional y nuestroamericana, para la construcción de la patria socialista”. Depois dos arquivos, imprescindíveis para a escrita da história e grandes referências da memória histórica, agora se tratava de assumir o controle sobre o “testemunho não escrito”, o próprio corpo do herói fundador da nação venezuelana. (MÁRQUEZ RESTREPO, 2012)

Hugo Chávez parece ter sido muito influenciado pelas publicações de Jorge Mier Hoffman, um analista de sistemas especializado no desenho de papel moeda, que afirmava ser o responsável pela criação da primeira imagem holográfica de Simón Bolívar em documentos oficiais e pela diagramação dos selos relativos à comemoração do Quinto Centenário do Descobrimento da América. Jorge Mier Hoffman (que foi assassinado em julho de 2015), aficionado à Arqueoastronomia e atuante no *History Channel*, produtor da premiada série radiofônica *Un Enigma llamado Bolívar*, era um obcecado

estudioso da biografia de Simón Bolívar e se apresentava como o criador da ciência da Bolivarianologia. Ele encaminhou em agosto de 2007 ao presidente Hugo Chávez um *Informe Confidencial sobre las verdaderas causas de la muerte del Padre de la Patria*, acompanhado por documentos comprobatórios supostamente deixados por seu antepassado Joaquín de Mier, o proprietário da Quinta de São Pedro Alexandrino em Santa Marta onde, segundo a história oficial contestada por ele, Simón Bolívar morreu em dezembro de 1830.

O presidente Chávez comentou, exibiu e recomendou em algumas de suas constantes cadeias de rádio e televisão os dois primeiros livros de uma trilogia anunciada por Mier Hoffman (2008, 2010), dando-lhes desta forma publicidade oficial. Com uma postura política assumidamente antiimperialista, antiacadêmica e bolivariana, e com uma trama e estilo típicos das séries do *History Channel* ou de best-sellers e blockbusters contemporâneos (analogias com *O Código Da Vinci* são sugeridas), as obras de Jorge Mier Hoffman certamente apareciam como um estimulante modelo para os destinatários da proposta editorial da revista do Centro Nacional de História:

Los Museos Bolivarianos, el Museo Nacional de Historia y la revista MEMORIAS de Venezuela son instrumentos de esta estrategia rememorizadora. Su acción va dirigida al gran público, escolares, estudiantes, maestros, docentes, autodidactas, no para reinterpretar la historia a la medida de un proyecto político, sino para hacer una nueva política de la memoria en la que resurjan los actores y circunstancias que la historia académica redujo al olvido, y que tenga en perspectiva la construcción de una sociedad justa, equitativa e incluyente. (*MEMORIAS* n. 1, 2008, p.2)

A propósito, Jorge Mier Hoffman, utilizando vários blogs que replicam seus textos e opacam seus críticos na internet, divulgou desta forma o seu próprio projeto editorial, sugestivamente chamado *La Carta*:

En el Libro LA CARTA, Mádelyn Mier, es el personaje que investiga todo lo que involucra la muerte del Libertador. Mádelyn es el Lector, y como tal es la



personificación de una investigadora o investigador que, por 25 años, se ha dedicado a profundizar en la vida y muerte de Bolívar, y que en esa búsqueda que parecía interminable, tuvo el privilegio y la exclusividad de conocer una información que permaneció como un secreto de familia por 177 años, hasta que le fue revelada, junto con Dos Mil documentos inédito [sic] y objetos de inestimable valor, que pertenecieron a Simón Bolívar, los cuales estuvieron en poder de los descendientes directos de Joaquín de Mier, lugar donde murió el Libertador, y por añadidura es hija del autor...

Tendo ganho projeção incontestável como historiador e “bolivarianólogo”, Jorge Mier Hoffman integrou a comissão de especialistas convocados por Hugo Chávez para, nos termos do decreto 5.834 de 28/01/2008, “despejar las importantes dudas que se tejen en torno a la muerte del Libertador, por medio de una investigación científica e histórica exhaustiva de su fallecimiento y del traslado de sus restos mortales a Venezuela”. Não logrou convencer a comissão a assumir seus pressupostos e viu toda a sua interpretação radicalmente refutada por seus colegas. No dia 25/07/2011, a comissão ratificou a identidade dos restos mortais de Simón Bolívar e descartou a hipótese de morte por envenenamento com arsênico (muito difundida, inclusive por Hugo Chávez) pela de desequilíbrio hidroeletrólítico por excesso de lavagens intestinais (e não por fuzilamento, a mando do presidente Andrew Jackson, como pretendia Mier Hoffman). Por sua vez, como foi visto acima, o presidente Hugo Chávez já antecipara sua convicção de que estava exumando os verdadeiros despojos de Bolívar; mas refirmou em cadeia nacional a sua convicção de assassinato político: “Creo que lo asesinaron. Lo digo y asumo mi humilde responsabilidad ante el pueblo y ante la historia. No tengo pruebas. No sé si las tendremos”.

No ano seguinte, ano eleitoral importante, ao comemorar o 229º aniversário de Simón Bolívar (24/07/2012), rodeado por crianças, gordo e doente, o presidente Hugo Chávez apresentou em cadeia nacional a imagem digitalizada em 3D do herói que havia sido preparada pela equipe científica a partir de várias tomografias do seu crânio e de sua iconografia. A imagem foi elaborada por Philippe Froesch, do Estúdio VisualForensic

em Barcelona. O presidente entrelaçou a ciência e a mística ensinando a olhar:

A partir de hoy, tu rostro verdadero rescatado por las manos amorosas de tus hijas científicas y de tus hijos científicos brillará mucho más, porque ya sabemos con precisión y recibimos con intensidad infinita la luminosa presencia de esa mirada. (...) Ahí está su rostro vivo en nosotros y con nosotros.

Entretanto, o olhar – considerado muito dócil – desse “rosto verdadeiro” de Bolívar surpreendeu e tornou-se alvo de muitas críticas, por contrariar toda a iconografia já conhecida, os monumentos, a retórica, artes, literatura e folclore venezuelanos que sempre enfatizaram heroicidade, audácia, altivez, energia. Outros críticos sugerem maliciosamente que só faltou a verruga na testa daquele “Bolívar protochavista”. A maioria esmagadora das críticas reagiu contra o acentuado caráter mestiço dessa nova imagem oficial do fundador do Estado venezuelano, um “Bolívar *zambo*” (cafuzo). A este respeito, entrevistado pela jornalista Valentina Lares Martiz, Philippe Froesch informou que compôs o rosto de Bolívar segundo uma mescla mestiça calculada pelas antropólogas da equipe científica, sob a supervisão da antropóloga forense Lourdes Pérez. Críticos do rosto chegaram até a dizer que ele tem uma aparência neandertalense, provavelmente em resposta a estas palavras do presidente naquela noite:

Viva Bolívar, he aquí su rostro. Estamos de júbilo en Venezuela y en los países de América Latina. Bolívar es y será un verdadero gigante de la especie humana. Se ubica en el escalón más alto de la especie humana... Bolívar es la lucha que nunca termina.

A propósito do complicado contexto político daquele momento, o próprio presidente havia especulado muitas vezes, conforme o testemunho de um antigo fiel companheiro de armas, o general Raúl Isaías Baduel:

El Presidente me comentaba la coincidencia de las fechas que nos han marcado. Es una Historia cíclica. Fíjese en los últimos tres decenios: 1982, el Juramento del Samán de Güere; 1992, la rebelión militar; y 2002, el golpe de

Estado. Él decía jocosamente: “¿Qué irá a pasarnos en el 2012?” (ELIZALDE & BÁEZ, 2004, p.250)

Desde junho de 2011, quando soubera que tinha um câncer, seu estado de saúde vinha se agravando continuamente apesar do otimismo e da confiança que depositava na equipe médica convocada pelos dirigentes cubanos para cuidá-lo sob o mais rigoroso segredo. O tão utilizado lema revolucionário ¡*Patria o Muerte!* foi substituído por ¡*Viviremos y Venceremos!* Tratava-se de contornar a todo custo qualquer possibilidade de impedimento à sua participação decisiva em mais uma campanha eleitoral, na qual demonstrou notável capacidade de negar a deterioração visível do seu organismo. Finalmente, quando faleceu (oficialmente, em 5/03/2013), havia ainda que fazer valer a sua vontade de ignorar questões de ordem constitucional para assegurar como seu sucessor o vice-presidente Nicolás Maduro, que era o mais confiável interlocutor dos altos dirigentes cubanos.

Pelo menos tão importante como o novo retrato de Simón Bolívar para o Bicentenário presidido por Hugo Chávez era o Mausoléu do Libertador da América, uma extensão do velho Panteão Nacional (inaugurado em 1875 pelo presidente Antonio Guzmán Blanco; trata-se da antiga igreja da Santíssima Trindade). O arquiteto encarregado da obra era Farruco Sesto, ministro de Estado para a Transformação Revolucionária da Grande Caracas. A estrutura evoca uma grande onda marítima revestida de cerâmica branca com 54 metros de altura (8 a mais que a torre do Panteão) e iluminação interna natural. Nos seus 2,3 km<sup>2</sup> de piso recoberto de granito negro podem reunir-se 1.500 pessoas; calcula-se que pode ter custado uma soma faraônica de cerca de 140 milhões de dólares. Na face norte do monumento se ergue uma estrutura metálica de 14 metros de altura: a *Rosa Vermelha de Paita*, em homenagem a Manuela Sáenz, a companheira equatoriana do herói, obra do arquiteto Doménico Silvestro.

Criticada a desmesurada ruptura de escala no espaço colonial da cidade por personalidades como o laureado arquiteto Oscar Tenreiro e Juan de Dios, presidente da Sociedade Bolivariana da Venezuela, Farruco Sesto afirmou que cada geração de arquitetos deve deixar sua marca. Por sua vez, o

diretor da Academia Venezuelana de História Elías Pino Iturrieta apontou que Hugo Chávez pretendia associar ainda mais a sua própria identidade com a de Simón Bolívar no imaginário coletivo por meio do Mausoléu:

Pero la intención política es el hecho de que el presidente Hugo Chávez sea proclamado como el administrador del testamento de Bolívar y como intérprete de ese evangelio bolivariano (...) No sólo va ser el mausoleo de Bolívar, sino también la entrada al panteón de la patria del presidente Chávez, las dos cosas están juntas.<sup>6</sup>

A inauguração do polêmico monumento foi inicialmente anunciada para 17/12/2011 (aniversário da morte de Bolívar), depois em abril e em maio de 2012 e, finalmente, em 24/07/2013 (aniversário de Bolívar). Além de problemas de ordem técnica e orçamentária, muito criticados pela imprensa oposicionista, a deterioração da saúde de Hugo Chávez certamente repercutiu sobre o ritmo das obras – aceleradas a princípio e finalmente adiadas quando o desfecho de sua agonia revelou-se previsível a partir de dezembro de 2012.

O Mausoléu fora concebido para abrigar exclusivamente o sarcófago de cedro com adornos dourados em que Hugo Chávez fez depositar os restos mortais de Simón Bolívar ainda em 2011 mas, durante as suas cerimônias fúnebres que reuniram mais de 2 milhões de pessoas, ouviu-se repetidas vezes a palavra de ordem “Chávez al Panteón, junto con Simón”. Aparentemente se apontava para o Mausoléu confundindo-o com o Panteão. O recém-eleito vice-presidente Nicolás Maduro anunciou uma proposta de emenda constitucional para alterar o artigo 187 (#15) da Constituição que prevê a espera de 25 anos após a morte para a panteonização; por outro lado, já não era possível embalsamar o corpo que, após ser velado por 10 dias, foi depositado no dia 15/03/2013 no Quartel da Montanha, de onde Chávez comandara o fracassado golpe militar de 1992, convertido em Museu Histórico Nacional e agora em Mausoléu de Hugo Chávez. Em 14/05/2013, ao inaugurar o Mausoléu do Libertador da América

<sup>6</sup> “Venezuela: Construyen mausoleo para Bolívar, pero digno de Chávez”. *Hoy Digital*, 24/07/2012.

Simón Bolívar, o vice-presidente Maduro declarou: “Hablar del siglo XXI y de Bolívar, obligatoriamente para todos los tiempos futuros y presente, será hablar de una figura histórica; Bolívar en el siglo XXI es hablar de Hugo Chávez Frías como su gran reivindicador”.

O projeto de união entre a Venezuela e Cuba, tão caro a Hugo Chávez como foi visto, deixou de ser lembrado desde que foi conhecida a sua enfermidade mortal. Mergulhada numa gravíssima crise econômica quando a queda vertiginosa dos preços internacionais se somou aos antigos problemas de desabastecimento, o sistema político bolivariano sobreviveu penosamente às eleições presidenciais realizadas em 14/04/2013 e precisou recorrer à violência contra a oposição nas ruas. Em 17/12/2014, o mundo foi surpreendido com a notícia de Cuba e os Estados Unidos estavam dispostos a oficializar suas relações, depois de um ano e meio de conversações secretas mediadas pelo novo papa Francisco, argentino. Ou seja, os entendimentos impensáveis até então teriam começado em meados de junho de 2013, três meses após a morte de Hugo Chávez. O processo de aproximação bilateral vem marchando, com o primeiro encontro entre os presidentes Barack Obama e Raúl Castro no VII Encontro de Cúpula das Américas (11/04/2015) quando o primeiro declarou finalmente encerrada a Guerra Fria e, logo mais, a reabertura das respectivas embaixadas em julho.

Mais recentemente, o triunfo inequívoco das oposições nas eleições parlamentares de dezembro de 2015, ganhando forte maioria no Poder Legislativo, demonstram que os hierarcas do socialismo cubano tinham razões para não confiar no projeto de união entre dois países regidos por sistemas políticos tão diferentes apesar das grandes afinidades ideológicas. Até o momento, não há sinais de abertura política em Cuba onde se intensificou a repressão contra grupos dissidentes, como as Damas de Branco, UNPACU e outros que reivindicam democratização. A certeza de que os Estados Unidos poderão suspender em breve o tratamento especial aos refugiados cubanos desencadeou uma crise migratória inédita, com alguns milhares de cubanos tentando chegar aos Estados Unidos pela América Central onde encontram má vontade de alguns governos, como os da Guatemala e da

Nicarágua, motivo pelo qual a Costa Rica deixou o Sistema de Integração Centro-Americana (SICA).

## **Conclusão**

O ciclo comemorativo do Bicentenário das Independências na América Latina continua em marcha...

Há 200 anos atrás, o processo independentista passava por um gravíssimo retrocesso nos vice-reinos do México e Nova Granada onde as tropas realistas haviam logrado eliminar quase por completo os focos de rebeldia. O Alto Peru anexado ao Peru também estava pacificado após sangrentos combates. Somente nas províncias do Rio da Prata o processo mantinha o seu curso, e foi dali que a declaração formal de independência pelo Congresso de Tucumán reafirmou a vontade de independência no dia 9/07/1816, vontade que logo triunfaria em acontecimentos decisivos para os atuais Chile (1818), Colômbia (1819), Peru e México (1821), Brasil e Equador (1822), Venezuela (1823), Bolívia (1824).

Buscando uma analogia arriscadíssima, poder-se-ia considerar que o voluntarioso ímpeto da comemoração bolivariana do Bicentenário chocou-se inesperadamente contra um limite com a morte de Hugo Chávez e o crescimento da crise econômica e política da Venezuela. O sintoma mais evidente desta atual conjuntura é a o distanciamento explícito entre os dois antigos centros estratégicos do eixo VeneCuba, podendo-se prever alguma revisão nos negócios da Venezuela com seus parceiros do acordo petroleiro PETROCARIBE, espinha dorsal da ALBA.

Entretanto, a Argentina que deverá comemorar os seus 200 anos de concretização da Independência em 2016 acaba de passar por uma importante reviravolta política nas eleições presidenciais e provinciais de novembro de 2015, acontecimento que pode contribuir para algum realinhamento nas alianças continentais e no deslocamento da ênfase no discurso comemorativo. A prudência aconselha a prosseguir acompanhando atentamente o processo e avaliando o impacto histórico do protagonismo do indivíduo Hugo Chávez, observando-o tal como o fotógrafo da

agência Reuters Jorge Silva o viu em close-up numa fração de segundo, vestido em negro, molhado e cansado sob a chuva no comício de 4/10/2012.

### **Referências bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Obras Escolhidas* v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BLOCH, Vincent. Reflexões sobre a dissidência cubana. *Revista Eletrônica da ANPHLAC* n. 8, 2009.

COSTA, Darc. “Guerras assimétricas”. In: Silva, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções* - vol. III: 1945-2014: A Época da Guerra Fria (1945-1991) e da Nova Ordem Mundial. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 424-426.

DIETERICH, Heinz. *Hugo Chávez y el Socialismo del Siglo XXI*. Caracas: Instituto Municipal de Publicaciones, 2005.

\_\_\_\_\_. “Rebelión. El Partido Comunista de Cuba aprueba investigación sobre el Socialismo del Siglo XXI”. *Rebelión.org*, 7/07/2007.

ELIZALDE, Rosa Miriam & Báez, Luis. *Chávez Nuestro*. Havana: Casa Editora Abril, 2004.

JELIN, Elizabeth (org.). *Las conmemoraciones: las disputas en las fechas “in-felices”*. Madrid: Siglo XXI, 2002.

LANGUE, Frédérique. La Independencia de Venezuela, una historia mitificada y un paradigma heroico. *Anuario de Estudios Americanos* n. 66, 2, 2009, p. 245-276.

MÁRQUEZ RESTREPO, Martha Lucía. “La reconstrucción de la nación y la lucha por la memoria histórica en Venezuela”. *Diálogos de Saberes* n. 36, 2012, p. 127-138.

MIER HOFFMAN, Jorge. *La Carta que cambiará la Historia: Cómo, Cuando, Quién lo Mató, Dónde está Bolívar*. Caracas: Arte, 2008.

\_\_\_\_\_. *La Carta que cambiará la Historia: toda la verdad sobre la muerte de Bolívar*. [Caracas: 2010?].

NORA, Pierre. *Lieux de Mémoire*. Paris: Gallimard, 1997 t. III, p. 4.687-4.719.

\_\_\_\_\_ & Chandernagor, Françoise. *Liberté pour l’histoire*. Paris: CNRS, 2008.

RAIMONDI, Marta Mariasole. “La ‘memoria fértil’ de las Madres de Plaza de Mayo en democracia. Recorrido a través de los discursos de Hebe Bonafini”. *Boletín Americanista*, año LXIV 2, n.º 69, 2014, p. 157-177.

REPÚBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA. *El abrazo de dos gigantes. 20 años del primer encuentro entre Chávez y Fidel. La Habana – 1994*. Caracas: Ministerio del Poder Popular para la Comunicación y la Información, 2014.

SÁNCHEZ, Yoani. Celebración y picadillo. *Generación Y*, 13/01/2009.

SILVA, Marcos Antonio da. “Política Externa e Integração Regional: a Diplomacia Venezuelana entre a ALBA e a UNASUL”. *Revista Sul-Americana de Ciência Política* v. 1, n. 3, 2013, p. 98-109.

TEIXEIRA, Francisco Carlos. “Terrorismo e guerra na era da assimetria global”. IN: Teixeira, Francisco Carlos & Chaves, Daniel Santiago. *Terrorismo na América do Sul – uma ótica brasileira*. Rio de Janeiro: Literatura Multifoco, 2010.